



# REFLEXÕES RÁPIDAS SOBRE ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E ESPAÇO GEOGRÁFICO

■ MONGI BOUSNINA - UNIVERSITÉ DE TUNIS

■ JEAN-MARIE MIOSSEC, HENRI PICHERAL - UNIVERSITÉ DE MONTPELLIER III

## RESUMO

A GEOGRAFIA CULTURAL OPERA INTEGRANDO OS TIPOS DE ESPAÇOS QUE EXPLICITAM SUAS MANIFESTAÇÕES (GEOGRAFIA SOCIAL E GEOGRAFIA POLÍTICA) E AS ESCALAS ESPACIAIS NAS QUAIS OS FATOS CULTURAIS OCORREM: ESCALA LOCAL-REGIONAL DAS CÉLULAS INICIAIS, ESPAÇO DAS REDES DE CIRCULAÇÃO, NAÇÃO E BANALIZAÇÃO DO ESPAÇO SUPRANACIONAL. DEVEM SER PRIVILEGIADOS ALGUNS TEMAS EM TORNO DOS QUAIS SE ARTICULA UMA GEOGRAFIA DAS TENSÕES CULTURAIS.

**PALAVRAS-CHAVE:** GEOGRAFIA CULTURAL, GEOGRAFIA POLÍTICA, GEOGRAFIA SOCIAL, TERRITÓRIO.

Toda cultura é diversidade. O pluralismo cultural que se observa em todo território corresponde a um alargamento espacial e à coexistência de subculturas diversas, que mantêm relações conflituosas ou (e) complementares dentro de um mesmo espaço. Diferentes escalas e abordagens espaço-culturais aparecem, se consideramos os fatores culturais, sociais e políticos.

Parece que até agora, nos estudos sobre esse tema, o social correspondeu a dados objetivos, a indicadores facilmente aplicáveis e transportáveis de um espaço para outro; a geografia social permite classificações referenciadas a escalas de comparação.

O cultural pode ser encontrado na escala nacional e, igualmente, na escala dos grandes espaços (pertencimento a uma vasta área cultural, ideológica,

religiosa, artística...) e da província (subcultura "regional", como, por exemplo, na França, a cultura bretã). A abordagem cultural, até então mais qualitativa (ou seja, etnológica) do que a precedente, muitas vezes criou problemas; donde, talvez, a importância dos estudos monográficos de particularismos e a ausência de sistematização e de generalização.

Quanto às forças políticas, elas agem sobretudo nas escalas nacional e internacional. Nenhum país no mundo pode ser indiferente à evolução do contexto político-cultural da região<sup>1</sup> à qual pertence, ou ignorar os novos paradigmas de seus parceiros, aliados e adversários. O poder político implica colocar em perspectiva a realidade cultural, seja identificando-se com ela, seja procurando transformá-la. Assim, a interferência cultura-espaço situa-se em diversas

escalas. Parece-nos difícil, atualmente, conduzir um estudo de geografia cultural analisando fatos isolados unicamente a partir do interior, sem situá-los no seu contexto, nas suas relações com a sociedade global. O mesmo ocorre com a compreensão do espaço cultural nacional em seu contexto internacional. Aliás, foi porque convencionou-se que a geografia cultural seria o estudo de fatos isolados, culturalmente individualizados no seu interior, em uma época em que as redes de comunicação eram mais frouxas, que ela se refugiou nas áreas de civilizações tradicionais.

Parece-nos que devem ser privilegiadas a análise do alargamento espacial, que hoje corresponde ao pluralismo cultural da maioria das sociedades, e a das tensões devidas aos contatos entre escalas espaciais e temporais diferentes.

#### O ALARGAMENTO ESPACIAL

#### E O PLURALISMO CULTURAL

Coexistem quatro tipos de espaços culturais:

##### 1. AS CÉLULAS INICIAIS

Elas são numerosas e de pequeno tamanho. Na França, elas podem corresponder aos "pays", às províncias... A distância percorrida cada dia é de apenas alguns quilômetros. Nos países do Terceiro Mundo, o percurso do rural, a pé, da casa até o campo, é o padrão inicial. Com periodicidade mais rara, são visitados alguns mercados, alguns souqs de primeiro e segundo níveis.

Essas células constituem o horizonte vivido tradicional, familiar. Neste quadro, os lugares são conhecidos, apreciados, animados, são "vida". Constituem uma topologia afetiva que "pertence" aos

atores: a mulher da região do Magreb, por exemplo, se apropria com vigor das peças da casa, centradas no Kirch eddar, na lareira, umbigo de seu mundo.

A terra dos ancestrais, com suas tumbas, seus signos, seus marcos, é efetivamente vivenciada. Neste espaço imediato, os lugares foram descobertos por todos os membros da comunidade. A ajuda mútua se organiza espontaneamente, quando se trata de ampliar o território cultivando uma clareira, de construir uma casa, de conservar um dique ou de perfurar um poço. As tarefas estão distribuídas por faixas de idade ou por sexo, e o papel destinado a cada um é conhecido por toda a população. A transparência, portanto, é quase total no interior dessa célula solidária. Do lugar e dos lugares dessa área inicial, nasce uma imagem global onde os pontos cardeais, o nascente e o poente, a vida e a morte, a sombra e a luz, o calor e o frio, as superfícies e os volumes, a casa e a rua, a cidade, o jardim e o deserto permanecem universalmente percebidos e significantes.

Essa célula inicial tem limites bem precisos. As fronteiras se inscrevem com nitidez nesse espaço-gigogne<sup>1</sup> feito de inúmeras conchas encaixadas: concha pessoal, familiar, círculo dos íntimos, conjunto dos aliados.

Esses limites, com todos os ritos de passagem a eles relacionados, com os núcleos e periferias que geram, definem um quadro territorial e uma territorialidade, uma consciência de pertencer a um espaço cultural dado. A língua, o idioma, o sotaque, os costumes de vestuário e alimentares (cozinha de província...), a música e os espetáculos são testemunhas disso. Essa célula corresponde a um povoamento de

indivíduos "enraizados" e senhores de um espaço funcional e de conservação. A noção (atávica?) de terroir,<sup>2</sup> o apego às raízes, à terra, são a manifestação de um valor tranquilizador, explorado, por exemplo, nos conflitos político-culturais com o "estrangeiro". No plano material, a defesa dos pontos de água (as fontes nos bairros urbanos, no Sul e a Leste do Mediterrâneo), as cercas, as portas, as "bolhas" que cada um cria para si, os cantos reservados em uma casa ou em um jardim são testemunho de fronteiras disjuntivas.

Essas rupturas, esses lugares "tabus" são apropriação e violência. Eles perturbam os "estrangeiros" que participam de uma outra topologia.

Uma outra área cultural se superpõe à comunicação total com os lugares.

## 2. A CULTURA AO LONGO DOS EIXOS DE DIFUSÃO E DE DRENAGEM

O aparecimento de uma inovação espalhada por um viajante, seja ela lentamente aceita ou imposta, provoca uma abertura para um espaço cultural maior, que a comunidade não pode perceber em sua totalidade. Algumas referências balizam os itinerários. Formalidades são organizadas: redes, com arcos e nós, abrangendo lugares de contato, pontos de reunião e de dispersão, lugares de acolhida onde se reencontra a solidariedade ou a fraternidade de compatriotas, de correligionários. Formalidades, redes, itinerários, contatos: não é este um mundo de clandestinos, de estranhos em espaços incompletamente reconhecidos, até mesmo, hostis? Os emigrados, os refugiados, alguns turistas curiosos, os marinheiros, os estradeiros, os aviadores, os pescadores, alguns comerciantes "trocam" endereços, informações sobre o estado das vias de comunicação, a fim de atenuar as

dificuldades de passagem e de adaptação.

O mundo dos migrantes e dos transportadores tem sua própria organização, sua topologia feita quase que exclusivamente de arcos e de nós. Diferentemente dos habitantes das células precedentes, as superfícies não são nem vistas nem percebidas, mas atravessadas.

O universo difundido pelos migrantes é completamente distinto. O emigrado, a comissária de bordo, o capitão de longo curso, o motorista, o refugiado trazem com eles com seus uniformes, seu bronzado, seus estigmas, os signos de um mundo diferente.

Eles oferecem um espetáculo e colocam em cena alguns elementos de espaços mais vastos, desconhecidos de seus ouvintes ou espectadores (como fazia o trovador, na Idade Média). O vendedor ambulante, o caminhão e o caminhoneiro nos Andes e na África negra, a caminhonete dos felás e comerciantes abastados do Marrocos e da Tunísia, os tachydromas das ilhas da Grécia, o aviador e o marinheiro do Pacífico desencravaram econômica e psicologicamente a multidão de pequenas células que eles inter-relacionam e atravessam. A estrada de ferro, freqüentemente associada ao porto exportador nos países subdesenvolvidos, também simboliza uma organização considerada superior, dominando conjuntos mais vastos e mais complexos. No entanto, a percepção da ferrovia é ambígua, porque ela é o produto de economias e de culturas coloniais. Em alguns países desenvolvidos, ela é uma "mal-amada", acolhida outrora com desconfiança, logo abandonada em uma sociedade egoísta e sem grande civismo (mas redescoberta e "recuperada", em parte por outras razões, pelos ecologistas...).

Este segundo tipo de espaço corresponde a comportamentos individuais e coletivos

extremamente móveis.

Em um momento inicial, a superposição de dois sistemas espaciais (pequenas células e redes de circulação) não provoca a destruição da sociedade e da cultura do primeiro. Aqueles que deixam a savana pela cidade voltam, alguns meses depois, com um pecúlio que lhes permite ascender socialmente na hierarquia da aldeia, sem, no entanto, transformar suas estruturas. Mas, com o tempo, as migrações se tornaram cada vez mais massivas e envolvem distâncias maiores, favorecendo uma mistura de culturas. O migrante, seja ele nacional ou internacional, adquire e veicula uma cultura sobreposta aos espaços que ele vivencia (língua, atitude...). O engajamento temporário na mina, na vila ferroviária, no canteiro de obras, na fábrica, na hospedaria, dá lugar, depois de longos anos, à migração definitiva ou à expatriação.

Os filhos de emigrantes, escolarizados, aderem então a uma cultura diferente, muitas vezes fonte de conflitos ou de incompreensão entre as gerações.

### 3. CULTURA E NAÇÃO

Uma grande parte da autenticidade cultural tem por base o quadro nacional. A manutenção do poder por um grupo (provincial, étnico, religioso) ou por uma classe ou casta passa pela criação ou renascimento de uma cultura nacional. Os fundamentos da cultura nacional provêm da interação de diversos componentes.

A unidade lingüística, seja ela herdada ou imposta, é geralmente o elemento principal.

Uma história comum cimentou, há muito tempo, as diferentes células cujas "raízes" são vizinhas; a história recente (guerras de independência, por exemplo) algumas vezes contribuiu para reforçar esse

laço. O recrutamento obrigatório desempenhou com frequência um papel unificador (diferentes origens provinciais dos recrutados, antigos regimentos coloniais reunindo os compatriotas das futuras jovens nações), ainda que uma preocupação com solidariedade provincial, com homogeneidade e com eficácia possa perpassar a manutenção de regimentos "regionais" ou a constituição de grupos de resistência (maquis) a uma base territorial limitada.

A unidade religiosa, ou a supremacia de uma religião ou de uma seita, é um fator unificador importante, como testemunham o papel dos católicos na Irlanda, dos judeus em Israel ou dos muçulmanos na Indonésia. Todavia, o pertencimento a uma minoria religiosa pode ameaçar a unidade nacional favorecer os riscos de um "Estado dentro do Estado" (mórmons do Utah, *camisards*<sup>3</sup> de Cevennes, armênios católicos na URSS ou na Turquia...).

A posição geográfica e a personalidade geográfica, sem serem determinantes, podem explicar alguns traços culturais. A fronteira-barreira é uma noção recente, muitas vezes introduzida pela colonização nos países do Terceiro Mundo. Somente depois constituiu-se em um elemento de identificação (donde, aliás, os problemas atuais de reajustes fronteiriços, observados em todas essas jovens nações).

Por outro lado, o poder político, garantia da integridade territorial, favorece as ligações desses componentes em todas as escalas (nacional, provincial, local), propondo uma síntese que corresponde à sua ideologia, e adota uma política de abertura ou fechamento em relação às culturas estrangeiras. Vivida até então como uma realidade móvel, a fronteira parece tornar-se cada vez mais uma realidade material e um símbolo da soberania nacional nos planos político, cultural e econômico.

Os instrumentos de controle e de difusão da cultura estão nas mãos do poder: ensino, rádio, televisão, imprensa escrita, partido, polícia... Os processos e os meios de propaganda e de controle cultural são comparáveis, quer se trate de nações de economias desenvolvidas ou subdesenvolvidas, de países capitalistas ou socialistas.

Nos países do Terceiro Mundo, a identificação cultural nacional muitas vezes foi amplamente simbolizada pelo papel carismático do líder político fundador da jovem nação, e veiculada por uma "elite". Esta última, na maioria das vezes, beneficiou-se tanto de uma origem territorial quanto socioprofissional fortemente seletivas. A elite está apta a se erigir em agente privilegiado da transformação sociocultural, e a enquadrar e canalizar aspirações difusas e não explicitadas. A releitura que ela muitas vezes foi levada a propor sobre conhecimentos, história, fundamentos culturais etc. permitiu-lhe realizar aquilo que freqüentemente denominou, em seu procedimento dialético de associação entre "autenticidade reencontrada" com a "abertura necessária".

Nessa perspectiva unificadora, é necessário ultrapassar particularismos de todos os tipos (classes, regiões, etnias, línguas, religiões...). Pluralismo cultural e centralismo cultural tendem a enfraquecer as culturas particulares, ou, com freqüência, a gerar novos tipos de tensões originais que provocam diversas formas de contestação à cultura "nacional", tanto no interior quanto no exterior do espaço nacional.

Dispondo do apoio dos meios de comunicação de massa modernos, o Estado-Nação difunde por grandes espaços modelos de comportamento e de necessidades uniformizadas de consumo. A explosão escolar, a eletrificação, o transistor, o desenvolvimento dos meios de transporte, a multiplicação das trocas entre homens e

de produtos constituem o suporte privilegiado desta ação que se inclina para um modelo cultural supranacional.

#### 4. A BANALIZAÇÃO DO ESPAÇO

A escola e o transistor difundem hoje a imagem de um espaço padronizado. Os folclores provincianos, a língua, os hábitos alimentares, os particularismos das vestimentas, a arquitetura local e provincial ficaram em grande parte enfraquecidos em nome da modernidade, a menos que tenham sido conservados apenas como testemunhas de um passado que terminou ou de um folclore "dessacralizado". Daí em diante, a urbanização, a difusão do automóvel e da televisão, a onipresença do transistor veiculam clichês encontrados em todas as latitudes. O "modelo" americano, muitas vezes abominado, é mais vezes ainda copiado, adotado e praticado, a despeito da existência de valores nacionais ou regionais: hotéis, piscinas, vozes suaves de recepcionistas, aeroportos, auto-estradas, casas de campo, gramado, week-ends, tee-shirts das universidades americanas, jeans e vestimentas militares de cânhamo, posters... Alguns elementos de culturas "mundiais" se difundem por toda parte: arte negra, cozinhas orientais e do Extremo Oriente etc.

"Informações" muito variadas e fugazes são transmitidas para todas as partes, e instantaneamente. Elas fornecem uma visão efêmera do mundo. Marroquinos analfabetos entrevistados em 1970-73 por M. Boughali localizavam lado a lado 1) o Vietnã e os Estados Unidos, e 2) a Tchecoslováquia e a União Soviética; mas esquematizavam o Marrocos com a forma de uma argola singularmente vazia. Seveso, München-Gladbach e Ekofisk, em 1977, Roseiro, em 1978, eram lugares nitidamente percebidos pelos pais de estudantes tunisianos; os habitantes de Constantine seguem com atenção a evolução do clube de futebol

de Nîmes onde joga um de seus compatriotas etc.

O anonimato dos bairros, a homogeneização das localidades turísticas, dos supermercados, a difusão extremamente rápida dos "tubos" (discotecas), dos diferentes tipos de violência, traduzem o enfraquecimento dos lugares, a dissolução das culturas locais, provinciais e até mesmo nacionais.

Essa banalização das culturas leva ao desenvolvimento de um sentimento de pertencimento a um mundo reconhecido através de signos internacionais (música, linguagem, vestuário, bebida: discotecas, franglais,<sup>4</sup> jeans, Coca-Cola...) e uma escala de valores cada vez mais uniformes (violência, valores morais).

##### 5. PLURALISMOS E COMPORTAMENTOS ESPAÇO-CULTURAIS

Os quatro tipos de espaços culturais apresentados coexistem atualmente em quase todos territórios. Os métodos de análise desses fatos, inscritos em diferentes escalas e do seu dinamismo doravante estão encaixados e imprimem seu modo de proceder à geografia da modernização e da inovação, à geografia religiosa, eleitoral, da circulação, da educação, da percepção, do poder, do espaço vivido...

No entanto, dois pontos muito raramente são apresentados.

A mobilidade de um grupo (provincial, nacional...) talvez ainda não tenha sido objeto de uma reflexão teórica de grande amplitude. A porcentagem de migrantes, as formalidades e comportamentos migratórios, a aptidão para adaptar-se, integrar-se e reconverter-se, o grau de homogeneidade do grupo migrante ou sua dissolução no contato com outros grupos são fatos culturais importantes. Há povos caseiros e outros, móveis. A mobilidade é temporária ou definitiva, para distâncias curtas ou longas, quer se trate de trabalho ou de lazer. Quais as conseqüências

culturais dessa mobilidade sobre os territórios de saída e de chegada? Não existe, para cada indivíduo, para cada grupo humano, uma espécie de oscilação entre um fora e um dentro? Para cada sociedade, algumas atividades podem ser realizadas em espaços muito amplos. Mas existe, em contrapartida, uma parte oculta, que poderíamos qualificar como íntima, e que procede da consciência territorial e da psicologia do homem. Há complementaridade, de um lado, entre os empreendimentos mais aventureiros, os mais ousados tecnicamente, efetuados em vastos espaços procedentes de uma "revolução" cultural, e, de outro lado, o reconforto e o calor fornecidos pelo território de origem, intimamente conhecido e apreciado, e freqüentemente conservado tal qual. É essa oscilação (em boa parte, sem dúvida, ancorada no mais profundo de cada homem) que explica a manutenção de sociedades vivendo em meios relativamente pobres, mas que tiram suas forças do além-mar ou do seu papel de ligação (Holanda, Bretanha, Grécia, Malta, Jerba, Japão, Líbano, entre outros).

As políticas culturais dos grupos que estão no poder correspondem a uma análise das forças presentes (modernidade em oposição à tradição, por exemplo) e a uma modelagem da política diante dessas forças, isto é, em função da percepção que se tem de suas capacidades para resistir a uma inovação.

Uma ilustração disso, atualmente, são as recuperações dialéticas de determinados valores. A recuperação dos temas "igualitários" pelo movimento religioso xiita do Irã ilustra, ao mesmo tempo, uma indubitável vitalidade cultural, mas também a relativa "neutralidade" do fato religioso que pode, em tal ou tal circunstância, ser "colocado em evidência" e tornar-se o fermento mobilizador de uma causa até então objetivamente exterior

(aproximando-se do islamismo sunita, mais conservador por ter estado sempre no poder). Por outro lado, alguns Estados-Nações resolutamente quiseram "voltar as costas" à ideologia religiosa, para realizar a unificação nacional. Na mesma área cultural, o movimento laico do Baath é uma ilustração disso. Desde o "integrismo" iraniano ou de Seul até o "sincretismo" iraquiano, sírio ou libanês, uma gama de atitudes e de estratégias se desprendem de uma ideologia religiosa "flexível", desenhando subconjuntos políticos e culturais bem diferenciados, até mesmo antagônicos (arabismo / islamismo) na escala de um conjunto de países. No interior de cada um deles, pode-se igualmente criar e desenvolver uma situação cultural original, traduzindo-se pelo ressurgimento de irredentismos fronteiriços, tribais, étnicos, de classe ou categorias sociais.

#### AS TENSÕES ESPAÇO-CULTURAIS \_\_\_\_\_

A ação "unificadora" do poder nacional, tendendo a mobilizar o espaço e suas subdivisões, conduz a sociedade a um processo de aculturação gerador de tensões em diferentes níveis. A busca por maior eficácia passa pela supressão ou pela atenuação da intervenção de determinados dispositivos de comunicação, favorecidos por uma adesão cada vez mais marcante a um modelo cultural único, com nuances de acordo com o grau de centralismo.

Uma geografia das tensões culturais poderia articular-se, por exemplo, em torno dos temas que se seguem.

##### 1. O MODELO DE HÁBITAT E DE TRABALHO

A urbanização provocou uma normatização das técnicas de construção de massa e os programas de

planejamento do hábitat rural favoreceram a eclosão de novos módulos e a rejeição de técnicas antigas, julgadas menos funcionais, caras e marcadas pelo arcaísmo. A dissociação hábitat-trabalho, favorecendo a motorização, é traduzida por construções coletivas verticalizadas, ou pela homogeneização dos loteamentos periurbanos. Isto levou, ao mesmo tempo, à busca por formas complementares, tendendo a criar um novo equilíbrio entre o homem e o espaço, e à percepção do espaço (reestruturação dos centros, espaços verdes e de lazer). A produção do espaço progride simultaneamente com o nascimento de novos desequilíbrios (pólos de crescimento, cidades novas...) e a busca de uma nova equidade espacial (centralização, descentralização culturais). A resposta ao problema da moradia nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos, desde há muito tempo, foi a construção de habitações padronizadas, copiadas de técnicas arquitetônicas importadas. A tendência atual do Banco Mundial, que financia e orienta numerosos projetos, é, ao contrário, a criação de "novas unidades" e de "conjuntos adequados", nos quais os poderes públicos encarregam-se apenas das infra-estruturas, e as casas, seus estilos e seus materiais, são criações originais do construtor.

##### 2. A INSERÇÃO EM UMA PAISAGEM

A exigência de uma melhor avaliação da qualidade de vida leva ao interesse por uma localização mais rigorosa dos recursos, das atividades, das "vocações" espaciais, bem como a uma arbitragem contínua entre cultura e natureza. A organização de uma área deriva cada vez mais de uma otimização, tanto no nível

econômico quanto no social e cultural, integrando o meio físico como elemento da qualidade da vida (ecologia, estudos de impacto...).

### 3. AS FORÇAS CENTRÍFUGAS E CENTRÍPETAS: REGIONALISMOS E NACIONALISMOS CULTURAIS

O dinamismo regional desigual poderia ser examinado pelo viés da homogeneidade do povoamento, do seu "peso" cultural e da sua capacidade de resistir ou de dobrar-se ao poder central. Os "ressurgimentos" culturais e intelectuais estão ligados às possibilidades acentuadas de exprimir uma opinião e de atingir uma audiência ampla, popular. O "direito à diferença" é uma busca de autenticidade, um retorno às fontes, aos valores antigos tidos como melhores. É, portanto, uma ação militante, contestadora do poder central. Seria interessante observar os elementos culturais provinciais que servem de álibi às forças de pressão que operam, na oposição, em escala nacional, e os separatismos e autonomismos culturais suscetíveis de desencadear um processo de estilhaçamento do Estado-Nação, de seu espaço e de sua cultura.

Em uma escala sutil, a redescoberta da noção de "pays", no sentido vidaliano do termo, corresponde, ao mesmo tempo, à perenidade dos valores culturais dos lugares (e ao seu ressurgimento), e a questionar tanto o centralismo quanto o federalismo considerados constrangedores e injustos. A capacidade de adaptar-se a esses ressurgimentos e de medir sua importância relativa revela uma maior ou menor flexibilidade por parte do poder nacional e a maleabilidade de seus modelos espaço-culturais (os P.A.R. na França, por exemplo).

### 4. A ABERTURA DA CULTURA RURAL TRADICIONAL AOS CONCEITOS DO MODERNISMO URBANO OU IMPORTADO

A paisagem rural muitas vezes traduz a superposição de formas de organizações rurais tradicionais e "importadas" da cidade (hábitat, morfologia das parcelas...).

A realidade cultural muitas vezes é constituída de elementos justapostos, emprestados de dois sistemas culturais: um estatal, transmitido por uma burocracia; o outro tradicional, freqüentemente inadaptado às reformas adequadas às escalas superiores. Em muitos estudos sobre Geografia, os autores contentam em analisar o espaço interno, sem se preocupar com suas relações com as escalas espaciais superiores – o que os torna muitas vezes incapazes de explicar os bloqueios de desenvolvimento e, mais ainda, de vislumbrar sua ultrapassagem.

### 5. A ADAPTAÇÃO DA CULTURA URBANA À CHEGADA DE MASSAS RURAIS CADA VEZ MAIS CONSIDERÁVEIS

A ruralização da cidade impõe a um país subdesenvolvido uma adaptação permanente de seu conteúdo cultural, favorecendo uma melhor inserção dos futuros imigrantes. As formas, as modalidades e o conteúdo da integração urbana podem ser revelados pela análise da mensagem cultural proposta: adaptação da informação difundida pela cidade (programas de TV, rádio, jornais), transformação no comportamento dos habitantes, desestruturação e reestruturação de alguns bairros (transformação das medinas: da Medina-Cidade para a Medina-Oukala e para a Medina-Vestígio, museu para turistas).

Mas não seria menos interessante analisar a atitude dos políticos municipais eleitos nas cidades de países desenvolvidos, quando dedicam demasiada atenção às necessidades, reais ou

fictícias, dos cidadãos, de reconstituir uma "vida de aldeia" nos bairros suburbanos. Cuidado, aliás, muitas vezes "recuperado" pelos promotores da idéia e por urbanistas sofrendo de sociologia "ruralizante".

#### CONCLUSÃO

A geografia cultural aqui vislumbrada toma emprestado conceitos e técnicas de outras abordagens da geografia e das ciências sociais. Parece-nos que só será operante ao integrar os diferentes tipos de espaços, explicitando as manifestações (espaço social, político) e as escalas nas quais se inscrevem e com as quais estão em interação. Privilegiar a escala local ou provincial parece não permitir o desenvolvimento de uma geografia cultural que não seja concebida sem referência aos esquemas culturais nacionais, internacionais, e aqueles veiculados pelos migrantes.

Além da simples descrição dessas imbricações espaço-culturais, é preciso vislumbrar as tensões que nelas se manifestam, e os métodos de apreendê-las.

#### NOTAS

\* Publicado originalmente como "Refléxions Rapides sur Quelques Rapports entre Culture et Espace Géographique" em *L'Espace Géographique*,

X nº 4, 1981. p. 275-280. Traduzido para a língua portuguesa por Márcia Trigueiro.

1. Região é tomada aqui no sentido que lhe é atribuído pelos responsáveis políticos e pelos jornalistas que analisam a política internacional – isto é, um território que engloba diversas nações ou porções de nações (fala-se de região mediterrânea para o conjunto dos países que margeiam o mar interior; o Machrek é, inteiro, uma região). É a partir desta acepção que será utilizado aqui o termo região. Por outro lado, na ausência de melhor denominação e de consenso sobre o assunto, os termos "regionalismo" ou "provincialismo" serão aplicados às culturas de província que florescem atualmente em alguns países desenvolvidos.

2. Gigogne – Personagem do teatro de marionetes.

1) "Mãe Gigogne" virou sinônimo de mulher que tem muitos filhos. 2) "Mesa gigogne" = série de mesas que se encaixam umas nas outras (Dicionário Larousse) (N. da T.).

3. Terroir – espaço agrícola associado a uma aldeia (N. E.).

4. Camisards – protestantes de Cevennes que pegaram em armas após a revogação do Edito de Nantes (1685); eram assim chamados porque vestiam uma camisa (no dialeto, camiso) sob suas roupas (Dicionário Larousse – N. da T.)

5. Franglais – mistura da língua francesa com a inglesa à semelhança do portunhol, mistura do Português com o Espanhol (N. da T.)

#### ABSTRACT:

CULTURAL GEOGRAPHY RESEARCHES BY INTEGRATING THE TYPES OF SPACES WHICH EXPLAIN THEIR MANIFESTATIONS (SOCIAL GEOGRAPHY AND POLITICAL GEOGRAPHY) AND THE SPATIAL SCALES IN WHICH THE CULTURAL FACTS OCCUR: LOCAL- REGIONAL SCALE OF THE INITIAL SCALES, SPACE OF THE NETWORKS OF CIRCULATION, NATION AND BANALISATION OF SUPRANATIONAL SPACE. SOME IDEAS FROM WHICH A GEOGRAPHY OF CULTURAL TENSIONS EMERGES AND WHICH SHOULD BE CONSIDERED.

**KEYWORDS:** CULTURAL GEOGRAPHY, POLITICAL GEOGRAPHY, SOCIAL GEOGRAPHY, TERRITORY.